

## CÂNONE LITERÁRIO E EMBATES EDITORIAIS EM DUAS COLEÇÕES DE LITERATURA BRASILEIRA (1862-1876)

### LITERARY CANON AND EDITORIAL CLASH IN TWO COLLECTIONS OF BRAZILIAN LITERATURE (1862-1876)

Lúcia Granja<sup>19</sup>

Odair Dutra Santana Júnior<sup>20</sup>

RESUMO: Este artigo parte do advento da coleção como fenômeno importante para novas práticas de leitura e de canonização de autores na França. A partir daí, aborda e analisa aspectos de duas coleções que tiveram a intenção inicial de reunir a literatura brasileira, nos anos 1860-1870, a *Bibliotheca Brasiliana* (1862-1863) e a *Brasília Bibliotheca Nacional* (1862-1876). Na conclusão, é diagnosticada uma tensão que envolve os agentes do campo literário pelo lado editorial, Quintino Bocaiúva e Baptiste-Louis Garnier, ambos homens com capital em empresas de produção de impressos, mas apenas um deles contando com o mecenato como alternativa de financiamento. O sucesso dessa associação determinou o cânone em poesia brasileira ainda hoje em dia em vigor.

PALAVRAS-CHAVE: coleções literárias, *Bibliotheca Brasiliana*, Quintino Bocaiúva, *Brasília Bibliotheca Nacional*, Baptiste-Louis Garnier, campo literário, cânone nacional.

ABSTRACT: This paper departs from the emergence of the collection as an important phenomenon for new reading practices and for the canonization of new authors in France. The work analyzes aspects of two collections that had the initial intention of bringing together the Brazilian literature, from 1860 to 1870: the *Bibliotheca Brasiliana* (1862-1863), and the *Brasília Bibliotheca Nacional* (1862-1876). The conclusion enlightens a tension that involves the agents of the literary field by the editorial side, Quintino Bocaiúva and Baptiste-Louis Garnier, both men with capital in printing companies, but only one of them having patronage as a funding alternative. The success of this association determined the canon in Brazilian poetry, which continues to exist nowadays.

KEYWORDS: literary collections, *Bibliotheca Brasiliana*, Quintino Bocaiúva, *Brasília Bibliotheca Nacional*, Baptiste-Louis Garnier, literary field, literary canon.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>19</sup> Lúcia Granja é professora de Literatura e Cultura Brasileiras na UNESP (campus de São José do Rio Preto), Livre-Docente em Literatura Brasileira pela UNESP (2016), Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP (1997). Pesquisadora da obra de Machado de Assis, especializou-se no estudo das crônicas do escritor e das relações entre Literatura e Jornalismo em sua obra. Estuda também a História do Livro e da Edição no Brasil e em suas relações com a França, sobretudo a história dos livreiros e editores Garnier. É autora de *Machado de Assis, escritor em formação: à roda dos jornais* (Editora Mercado das Letras, 2000) e *Machado de Assis: antes do livro o jornal: suporte, mídia e ficção* (Editora da UNESP, 2018). [lgranja@uol.com.br](mailto:lgranja@uol.com.br).

<sup>20</sup> Odair Dutra Santana Júnior é Doutorando em Letras pelo PPG-Letras da UNESP (campus de São José do Rio Preto), bolsista FAPESP. Investiga as coleções de literatura brasileira que circularam no Rio de Janeiro durante o século XIX. [juniordutrasantana@gmail.com](mailto:juniordutrasantana@gmail.com)

A estratégia de reunião de textos em forma de coleção nasceu no século XVII, na Europa, e prosseguiu no século seguinte. Contudo, foi no século XIX que as coleções se constituíram como um verdadeiro gênero editorial com suas próprias regras e alcançaram uma extensão sem precedentes (MOLLIER, 2008, p. 129-131). Isabelle Olivero, em estudo sobre a história das coleções na França, analisa o desenvolvimento da *Bibliothèque Charpentier*, lançada em 1838 e nascedouro da coleção moderna, e destaca que se estabeleceu uma regra de ordem material, definida antecipadamente, conferindo uniformidade ao conjunto, e uma regra de ordem intelectual, que lhe deu coerência (OLIVERO, 1999, p. 82-83).

Como afirma Olivero, para o caso francês, o período de amadurecimento das coleções proporcionou transformações nos hábitos de leitura e na maneira de a classe mais popular se relacionar com os livros, pois os olhos dos editores de coleções se voltaram para um público de menor poder aquisitivo (OLIVERO, 1999, p. 242). Olivero defende ainda que essa estratégia editorial teve um papel importante na "canonização" de um autor e na consagração de um período, visto que as escolhas de seus organizadores atuaram na abertura do campo literário (OLIVERO, 1999, p. 166-168).

Diante desses pontos, podemos depreender que estudar as coleções que se desenvolveram no século XIX, assim como assinala Isabelle Olivero em sua obra, favorece e converge para estudos mais amplos, uma história cultural – e uma história literária, acrescentamos – que compreende leitores, editores, a noção de cânone, a história da vulgarização científica, entre outros. Sendo assim, é imprescindível que nós, no Brasil, também voltemos nossos olhos para o desenvolvimento dessa estratégia editorial a fim de alargar nossas histórias.

Com a importância de se estudar o desenvolvimento dessa estratégia editorial como norte, neste artigo são apresentados dois projetos de coleção que se desenvolveram na segunda metade do século XIX no Brasil. São elas a *Bibliotheca Brasileira*, da qual esteve à frente Quintino Bocaiúva, homem das letras, da imprensa e da política do XIX, e a *Brasília, Bibliotheca Nacional dos melhores autores antigos e modernos*, editada por Baptiste-Louis Garnier, um livreiro e editor francês residente e atuante no Rio de Janeiro desde 1844.

### **BIBLIOTHECA BRASILEIRA, POR QUINTINO BOCAIÚVA**

No Brasil, era comum no século XIX a utilização das horas ociosas das tipografias dos jornais para a impressão de outros materiais, como outros periódicos, estatutos e livros dos mais variados assuntos, incluindo obras

literárias.<sup>21</sup> Foi do aproveitamento das horas ociosas da oficina do *Diário do Rio de Janeiro*, em 1862, que saiu à luz o projeto *Bibliotheca Brasileira*, de responsabilidade de Quintino Bocaiúva, um dos diretores do periódico à época.<sup>22</sup>

Quintino Bocaiúva foi um profícuo jornalista, tendo colaborado para diversos periódicos durante o século XIX (*Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*, *A República*, *O Cruzeiro*, *O Globo*, *O Querubim*, *O País* e outros). Foi um entusiasta da causa liberal e, posteriormente, republicana. Como destaca seu biógrafo Cyro Silva, Bocaiúva manteve-se fiel a essas causas por onde passou (SILVA, 1962) e sua gana patriótica pôde também ser percebida na coleção que organizou e que tinha como objetivo a publicação de brasileiros para a leitura por brasileiros.

Além de aproveitar as horas ociosas da tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, Bocaiúva pôde utilizar das páginas do periódico para anunciar massivamente sua iniciativa e, em 19 de março de 1862, divulgou o prospecto da *Bibliotheca Brasileira* em meio às demais matérias do jornal. Nesse texto, em que apresentou os objetivos da coleção, Bocaiúva se comprometeu:

Sob o título de *Bibliotheca Brasileira* empreendemos a publicação regular de um volume em cada mês. História, filosofia, viagens, literatura, ciências práticas, tudo se abrange na esfera da *Bibliotheca Brasileira*. Esforçar-nos-emos, sobretudo, por facilitar a publicação de trabalhos nacionais ignorados porque a carestia da impressão, a indiferença pública e a pobreza congênere à classe dos escritores impedem-nos de se darem à luz. (*Diário do Rio de Janeiro*, 19/03/1862, p.2, col.1)

Bocaiúva, como se vê, prometeu publicar regularmente, um volume em cada mês, e afirmou que daria preferência a trabalhos nacionais ignorados. Porém, seu empreendimento ficou aquém dos seus desejos, somando apenas 12 volumes publicados entre 1862 e 1863, e tendo sido necessárias as publicações de um romance estrangeiro e de obras de autores já conhecidos. Foram os casos de José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida.

O primeiro volume da *Bibliotheca Brasileira* foi uma coletânea de poemas de autores do XIX, sob o título *Lírica Nacional*. Reunindo 43 poemas de 35 autores, além de dois poemas sem autoria, a obra foi acompanhada de um

<sup>21</sup> Um trabalho sobre o aproveitamento das horas ociosas de uma tipografia de jornal brasileiro no século XX foi realizado por Santana Jr. em sua pesquisa de mestrado, realizada com apoio FAPESP (SANTANA JR., 2017).

<sup>22</sup> Embora apresentada como fruto de uma associação de homens de letras, foi Quintino Bocaiúva quem se responsabilizou, quando vinham assinados, por prefácios e advertências impressos nas obras da coleção; era ele também a quem se referiam os cronistas e críticos da época, quando tratavam dos lançamentos da coleção. Diante disso, percebemos, assim como o fez José Galante de Sousa, que essa iniciativa resulta do desejo e trabalho de um homem só (SOUSA, 1979).

prefácio de seu organizador, “Antes de tudo” por Quintino Bocaiúva, e do “Estudo sobre a nacionalidade da literatura”, de Adadus Calpe, pseudônimo de Antônio Deodoro de Pascual. Apesar de o volume ser referente ao mês de abril, ele foi incluído nos anúncios da coleção divulgados pelo *Diário do Rio de Janeiro* a partir de 8 de maio de 1862:

**BIBLIOTHECA BRASILEIRA**  
POR  
**UMA ASSOCIAÇÃO DE HOMENS DE LETRAS**  
PUBLICAÇÃO MENSAL DE UMA OBRA DE AUTOR  
NACIONAL SOBRE TODOS OS RAMOS DE CONHE-  
CIMENTOS HUMANOS:

Recebem-se assignaturas para esta in-  
teressante empreza, nos escriptorios do  
*Diario do Rio*, rua do Rosario n. 84; do  
*Correio Mercantil*, rua da Quitanda n. 53  
e na livraria Waldemar, rua do Ouvidor  
n. 112, pelas seguintes condições:

**Para a côrte e Nitheroby.**

Um anno . . .	12\$
Seis mezes . . .	6\$
Tres mezes . . .	3\$

**Para as provincias.**

Um anno . . .	14\$
Seis mezes . . .	7\$
Tres mezes . . .	4\$

A modicidade da contribuição e o alto  
interesse que se liga ao desenvolvimento  
da litteratura nacional animam a empreza  
a contar com o apoio do publico.  
N. B. -- O 1.º volume:  
**LYRICA NACIONAL.**  
Acha-se á venda neste escriptorio,  
preço 1\$500.

Figura 1: *Diário do Rio de Janeiro*, 08/05/1862, p. 4, col. 1.

No anúncio, podemos conferir os valores de assinatura da coleção, sendo 12\$000 réis para a assinatura anual, que dava direito a doze volumes da coleção, 6\$000 réis para uma assinatura semestral e 3\$000 réis para três meses de assinatura. Também podemos observar que o volume poderia ser adquirido avulso por 1\$500 réis.

O segundo volume da *Bibliotheca Brasileira*, referente ao mês de maio de 1862, foi a primeira parte da obra *Esboços biográficos*, de Francisco Inácio Marcondes Homem de Mello. O próximo volume foi a primeira parte de *As minas de prata*, de José de Alencar que, embora correspondesse ao mês de junho de 1862, foi anunciado apenas em agosto. Dessa forma, podemos adiantar desde já que a publicação de uma edição por mês não aconteceu e que intervalos variados e maiores entre um volume e outro foram comuns.

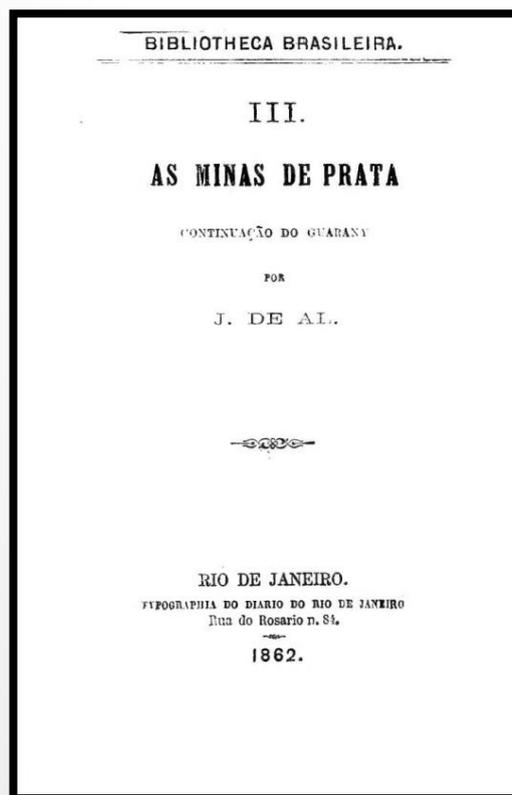


Figura 2: Ilustração do pertencimento de *As minas de prata* à “Bibliotheca Brasileira”.

Finalizado o primeiro trimestre da publicação, a edição da primeira parte da obra de Alencar trouxe ao final uma reflexão de Bocaiúva que dava indícios dos entraves da iniciativa:

Através de dificuldades de todo o gênero, da descrença pública em relação a empresas literárias, a *Bibliotheca Brasileira* vai marchando e vai lutando.

Não é a luta que nos afadiga, não é o esforço que nos assusta. Só tememos e só lamentaremos não poder dar a esta empresa o desenvolvimento que ela comporta e ver desvanecidas as esperanças que nos sorriam quando nos abalançamos a este cometimento. (BOCAIÚVA, 1862, s.p.. In.: ALENCAR, 1862).

Apesar das dificuldades, novos títulos foram prometidos à coleção, mas a grande maioria não saiu à luz pela *Bibliotheca Brasileira*.

O quarto volume do projeto de Bocaiúva, correspondente ao mês de julho de 1862, trouxe a segunda parte dos *Esboços biográficos*, de Homem de Mello, e, referente a agosto, foi publicada a segunda parte de *As minas de prata*, de José de Alencar. Seguiram à publicação deles as obras *Estudos Econômicos*, de Guilherme Cândido Bellegarde, *Contos do Serão*, de Leandro de Castilhos, e *Lady Clare*, uma tradução do romance francês homônimo de J. T. de Saint-Germain, pseudônimo de Jules Romain Tardieu, publicada originalmente em 1859.

O volume de *Lady Clare*, o oitavo da coleção, trouxe uma explicação de Bocaiúva ao início, tal qual um prefácio, justificando-se pela publicação de uma obra estrangeira na *Bibliotheca Brasileira*. Nesse texto, Bocaiúva comentou sobre o engajamento do público com os objetivos da coleção e sua preferência de gosto de leitura:

Mas o público pode bem e justamente não tomar tanto a peito esta virtude do patriotismo, quando produções de certo gênero limitam o círculo dos apreciadores e fazem descontente ao maior número, que prefere recrear-se a aplaudir aquilo que não o diverte. (BOCAIÚVA, 1862, s.p.. In.: SAINT-GERMAIN, 1862)

Podemos perceber de suas palavras que a ideia patriótica não era suficiente para conquistar assinantes e, além disso, que o caráter diversificado da coleção, ao invés de reunir uma maior quantidade de subscritores, afastava um público que desejava majoritariamente “recrear-se”, prazer que seria encontrado no gênero mais popular do período. Como afirmou o próprio Bocaiúva, era o romance esse gênero: “O romance é o gênero literário mais popularmente querido. A tese não precisa de demonstração”.

Todavia, se o romance era bem-visto pelo público, ele não recebia o mesmo apreço das elites letradas à época, que associavam a leitura de romances a um “público leitor amplo, no mais das vezes considerado desprovido de educação necessária para julgar a qualidade do que lhe caía em mãos” (AUGUSTI, 2008, p. 395). Sendo assim, pela própria má-fama entre a elite letrada brasileira, o romance era pouco cultivado entre os escritores nacionais e Bocaiúva continuou seu texto dizendo que os talentos brasileiros “se têm desviado desse gênero por muitas razões plausíveis. [...] E daí também, para nós, a necessidade de recorrer a autores estrangeiros”.

Ao final, Bocaiúva informou que outras leituras como a do romance traduzido seriam fornecidas ao público, mas a coleção findou após a publicação de mais quatro volumes, nenhum deles sendo um romance estrangeiro. Podemos concluir, dessa forma, que a publicação de *Lady Clare* e a

promessa de outros romances traduzidos não foram suficientes para conquistar o público necessário para a continuação da *Bibliotheca Brasileira*.

Encerraram os doze volumes da *Bibliotheca Brasileira*, a publicação de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manoel Antônio de Almeida, em duas partes, e a obra *Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da cidade de Paranaguá*, de Demétrio Acácio Fernandes da Cruz, também dada à luz em duas partes.

No último volume, Bocaiúva apresentou um balanço da coleção, destacando suas conquistas, revelando seus erros e apresentando um novo formato para a *Bibliotheca Brasileira*. Teve início mostrando consciência de que o número de doze volumes lançados já era sua primeira conquista:

A *Bibliotheca Brasileira* termina com este número o seu primeiro ano de existência. Para publicações deste gênero completar um ano de vida é ter percorrido, neste país, um largo período. Lisonjeamo-nos com este resultado e afaga-nos a esperança de melhor futuro. (BOCAIÚVA, 1863, p.137, In.: CRUZ, 1863).

Em seguida, reconheceu e confessou um erro: “Foi uma ilusão ou uma irreflexão dar à *Bibliotheca Brasileira* a proporção e as formas de que se revestiu”. Continuando, expôs, como mais de uma vez nos deparamos nos textos que acompanharam a coleção e na imprensa do período, que o romance era o gênero que agradava mais ao público, mas a morosidade com o qual era produzido no país impossibilitava o oferecimento mensal de um volume de romance. Para que a coleção continuasse, era necessário que produções como os estudos de Francisco Inácio Marcondes Homem de Mello, Guilherme Cândido Bellegarde e de Demétrio Acácio Fernandes da Cruz tivessem o mesmo favorável acolhimento que os romances. Assim, buscando ampliar o leque de conteúdos oferecidos, optou por uma mudança no formato da coleção que passaria a ser uma revista mensal. No entanto, a revista somou apenas três números.

Nos mesmos anos 1860, o *Diário do Rio de Janeiro* noticiou aos seus leitores a publicação de uma nova coleção no país. Em 14 de novembro de 1863, sob a indicação “Publicação literária”, o *Diário* informou que o Imperador Dom Pedro II havia concedido a permissão para a publicação, sob os seus auspícios, de uma “esmerada coleção das obras dos melhores autores brasileiros, poetas e prosadores”. Essa coleção, de título *Brasília, biblioteca nacional dos melhores autores antigos e modernos, publicada sob os auspícios de Sua Majestade Imperial o Sr. D. Pedro II*, foi editada por Baptiste-Louis Garnier, editor francês que se tornou o grande editor dos escritores brasileiros do XIX (GRANJA, 2018, p. 69). É sobre a atuação de Garnier no Brasil e sua coleção que tratamos a seguir.

## BRASÍLIA, BIBLIOTHECA NACIONAL, EDITADA POR BAPTISTE-LOUIS GARNIER

Uma nova coleção de textos literários brasileiros estruturava-se em 1863, quase que renascendo do cadáver da coleção de Bocaiúva, cujo último volume teria sido lançado em março do mesmo ano, se não tivesse havido alguns atrasos, significativos, aliás, das dificuldades de que a empreitada editorial enfrentava.

A partir dessa nova coleção de Garnier, seguidamente à de Bocaiúva, é possível pensar a literatura brasileira pela perspectiva das formulações em torno de sua própria formação, remetendo a uma variedade importante de estudos sobre história literária,<sup>23</sup> mas se beneficiando de um retorno ao livreiro-editor Baptiste-Louis Garnier, que consolidou as atividades editoriais em torno da produção brasileira, incentivando autores, formando coleções e se dirigindo a um público leitor e consumidor de livros.

Como se sabe, Baptiste-Louis Garnier dominou o comércio de livros no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX e foi muito importante para as sociabilidades em torno dos impressos em geral, principalmente dos livros. Ao longo de sua trajetória de quase cinquenta anos no Brasil (1844-1893), vários escritores e intelectuais escolheram a Livraria Garnier como ponto de encontro para suas conversas literárias, entre eles Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, José Veríssimo, Silvio Romero, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Constâncio Alves, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Araripe Junior, Rodrigo Otávio, Mário de Alencar, Clovis Bevilacqua, entre outros (HALLEWELL, 2005, p. 199).

Após o falecimento e transmissão de bens de Baptiste-Louis Garnier,<sup>24</sup> Hippolyte Garnier, principal herdeiro de Baptiste-Louis, decidiu manter os

<sup>23</sup> Destacamos aqui os trabalhos de Maria Eunice Moreira e Regina Zilberman, das quais citamos um artigo de cada, entre os vários que escreveram sobre o assunto. A primeira estudiosa debruçou-se sobre os historiadores da literatura estrangeiros e brasileiros no XIX, associando suas obras à questão política no Segundo Império, com vista à compreensão do discurso historiográfico na construção da identidade nacional brasileira (MOREIRA, 2003). A segunda professora e crítica literária fez um levantamento exaustivo da aparição do conceito de identidade nacional nos estudos históricos e críticos, incluindo estudos preliminares a antologias, entre os anos 30 e 70 do século XIX brasileiro (ZILBERMAN, 2000). Ambas uniram esforços no volume *O berço do cânone: textos fundadores da história literária brasileira*, 1998.

<sup>24</sup> Os estudos do processo sucessório de Baptiste-Louis Garnier não eram renovados desde o trabalho pioneiro de Lawrence Hallewell (2005). Dentro do Projeto Temático FAPESP “A circulação transatlântica do impresso: a globalização da cultura no século XIX, 1789-1930”, foram levantados novos dados e propostas leituras. Granja (2013a) traz informações recentes sobre o assunto, uma genealogia completa da família Garnier, incluindo as relações com os Vivet e os Fauchon, esses últimos também presentes no mercado editorial brasileiro. A partir daí, Jean-Yves Mollier propôs uma leitura das ações internacionais da Livraria Garnier (MOLLIER, 2018).

negócios no Rio de Janeiro e continuou, por meio dos gerentes da sucursal brasileira, investindo no quadro de autores que o irmão havia formado, sobretudo em Machado de Assis. Lawrence Hallewell e Raimundo Magalhães Jr, provavelmente apoiados em Luiz Edmundo, relatam a mesma história: desejando eclipsar a livraria Laemmert, Hippolyte encomendou a Bellissime e Parradiou, seus arquitetos franceses, a construção de um novo e magnífico edifício de quatro andares, na Rua do Ouvidor. Ele substituíu a antiga, poeirenta e escura livraria de Baptiste-Louis Garnier, previa um apartamento para o gerente no quarto andar e foi inaugurado com grande festa em 19 de janeiro de 1900 (HALLEWELL, 2005, p. 258; MAGALHÃES JR., 1982, vol. 4, p. 104; EDMUNDO, 2003). Nessa ocasião, cada convidado recebeu um romance autografado de Machado de Assis, provavelmente *Dom Casmurro*, cujo atraso na publicação o escritor reclamara a H. Garnier, em 19 de dezembro do ano anterior (ASSIS, 2011, p. 444-445).

Muitos anos antes desse desfecho literário do século XIX em grande estilo, os ventos parecem ter soprado fortes em direção à concretização dos planos da transformação da Livraria de Baptiste-Louis Garnier em Livraria-Editora, a partir de meados dos anos 1850.

Ao longo da história de Garnier no Brasil, foram despontando alguns homens que, proximamente ao livreiro-editor ou aos impressos, tornaram-se mediadores importantes para a história do livro, da literatura e das relações culturais entre a França e o Brasil. É o caso de Camille Cléau, com quem Baptiste-Louis Garnier travou relações desde a sua chegada ao Brasil. No Brasil, o descendente *gauche* da realeza francesa (neto bastardo de Carlos X) abraçou, em 1849, a vida religiosa, tornando-se o Frei Camillo de Monserrate, e foi diretor da Biblioteca Nacional entre 1853 e 1870, ano de seu falecimento.<sup>25</sup> A posição estratégica na vida dos livros e impressos no Brasil deu ao frei beneditino papel fundamental no que se refere à mediação das relações culturais entre Europa e América,<sup>26</sup> mas a sua consanguinidade coloca em cena os laços entre as famílias reais brasileira, portuguesa e da Europa continental, os quais parecem ter contribuído solidamente para a ponte de impressos que ligava o Brasil (e as Américas) à França e a Portugal.

Se um dos franceses desembarcados em 1844 no Rio de Janeiro tornar-se-ia diretor vitalício da Biblioteca Nacional, o outro chegaria a posições não menos prestigiosas, em muitos aspectos, auxiliado por essa parceria. Ao longo de sua trajetória (BOURDIEU, 1996, p. 71) de mais de cinquenta anos no Brasil, Baptiste-Louis Garnier tornou-se o grande editor dos escritores brasileiros do XIX; foi livreiro oficial do imperador e do Instituto Histórico e

---

<sup>25</sup> Para as informações sobre as relações entre Baptiste-Louis Garnier e Camille Cléau, bem como a vida de Cléau: SACRAMENTO-BLAKE, 1893, vol. 2, p. 19-21; GALVÃO, 1903, p. 6-7; HALLEWELL, 2005, p. 199.

<sup>26</sup> Para a importância dos mediadores nos processos de Transferência Cultural, ver Michel Espagne (2012).

Geográfico Brasileiro; recebeu, mas não antes de ter trabalhado bastante pela obtenção deste título, a ordem honorífica mais importante do Brasil (foi condecorado por D. Pedro II com a comenda da Ordem da Rosa) (HALLEWELL, 2005, p. 177), tendo pleiteado também uma condecoração portuguesa,<sup>27</sup> o que mostra, por um lado, como as ações de Garnier jamais perderam de vista os vínculos com um dos polos do campo do poder.

Baptiste-Louis Garnier passou a ocupar o espaço da edição, posto que: já em 1853, aquele Frei Camille Montserrat era diretor da Biblioteca Nacional; as ações e cuidados de Garnier com o negócio da edição foram, na mesma época, cada vez mais presentes e importantes; Francisco de Paula Brito, que se ocupava da edição dos textos brasileiros até então, falira em 1857 e viria a falecer dali a quatro anos;<sup>28</sup> os catálogos passaram a trazer cada vez mais títulos em português até aparecem, no início dos anos 1860, totalmente nessa língua (DUTRA, 2010); finalmente, um contrato até há pouco desconhecido (GRANJA, 2013b), assinado entre Baptiste-Louis Garnier e Jules Henri Gueffier, em 10 de fevereiro de 1864, esclarece que esse último fora recrutado no Rio de Janeiro por Garnier para prestar, em Paris, serviços de impressor, representá-lo junto às livrarias e, quando necessário, atuar como tradutor, muito provavelmente, nesse último caso, para traduzir em português as obras escritas em francês, já que Gueffier morara no Brasil e conhecia bem a língua;<sup>29</sup> havia um interesse pela publicação da literatura nacional e formação de coleções, o que mostram tanto as iniciativas de Paula Brito quanto a coleção ensaiada por Quintino Bocaiúva; por fim, outros dados mostram que, a partir do início dos anos 1860, os escritores e intelectuais brasileiros começaram a se reunir em torno de Baptiste-Louis Garnier, fazendo com que se configurasse, entre editor e escritores, uma relação de interdependência, na

---

<sup>27</sup> Documentos encontrados no CADN-Nantes dos Arquivos do Ministère des Affaires Étrangères (França) mostram a insistência com a qual Baptiste-Louis, no final de sua trajetória como livreiro no Brasil, dirigiu-se ao ministro plenipotenciário da França no Rio de Janeiro, pedindo a sua intervenção para a regularização do porte, ou mesmo atribuição de título honorífico a Garnier. No primeiro caso, está uma carta cuja assinatura nos é ilegível, de 24 de maio de 1889, na qual se pede ao conde de Gobineau, Ministro da França no Rio de Janeiro, que interceda junto ao Imperador, por meio de sua Representação, para que Garnier pudesse portar a cruz de Cavaleiro da Ordem da Rosa do Brasil, uma vez que o livreiro recebera o brevê da ordem e nunca enviara esse documento às instâncias necessárias. Segundo Hallewell, a Ordem da Rosa fora atribuída ao livreiro em 1867, no grau de Oficial Imperial da Rosa (2005, p. 197). No entanto, a carta em questão fala do grau de “Cavaleiro da Ordem”; no segundo caso acima apontado, está uma carta em que Garnier solicitava a intervenção do Ministro para que a Ordem Honorífica portuguesa lhe fosse concedida (Ministère des Affaires Étrangères, CADN-Nantes, Pasta “Rio de Janeiro”).

<sup>28</sup> Apresentam e analisam os negócios de Paula Brito, o trabalho de José de Paula Ramos, Marisa Midori Daecto e Plínio Martins Filho (2010) e os dois trabalhos de Rodrigo Camargo de Godói (2011; 2014).

<sup>29</sup> Os Gueffier estavam, no Brasil, ligados ao negócio da tipografia e associados à Laemmert; eram impressores, por exemplo, de alguns periódicos da imprensa em francês escrita no Rio de Janeiro.

qual se cruzavam, naquele momento brasileiro, os interesses muitas vezes divergentes dos campos editorial e literário.

Em 1864, Garnier publicou um catálogo, o de número 23, no qual fica evidente o movimento que o livreiro fazia em relação à edição, embora não tenhamos referências a todos os que o antecederam. Anunciando livros que apenas comercializava, de variados assuntos, desde o Direito até a Medicina, uma seção especial chama a atenção. Intitulada “Poesia e Literatura”, nela se reúnem trabalhos de escritores brasileiros, maiormente poetas, entre os que Garnier começava a publicar e aqueles cujas obras, já anteriormente publicadas, o livreiro apenas comercializava. Essa coleção inicial cresceu até tornar-se bastante volumosa dentro daquele *Catálogo dos Livros de que é editor B. L. Garnier e de outros que se acham à venda na mesma livraria*, 69, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro (o número 1, de 1876). Em meados dos anos 1870, a série abrigava 82 entradas no mencionado catálogo, ainda incluindo maiormente a poesia, mas também o conto, um estudo histórico, um curso de literatura francesa, o *Jornal das Famílias*, uma história da Literatura Portuguesa, excertos de autores portugueses, crítica literária, até mesmo uma história política, entre outros. Chama a atenção, no entanto, dentro da seção geral de “Poesia e Literatura”, a *BRASÍLIA, Bibliotheca Nacional dos melhores autores antigos e modernos, publicada sob os auspícios de S. M. O Sr. D. Pedro II*, e contado, então, com nove títulos: as *Obras completas* de Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire; o poema *Assumpção* do Frei Francisco de São Carlos; as *Poesias* de Gonçalves Dias; o poema *Gonzaga*, de Pereira da Silva; e, por fim, a *Marília de Dirceu* de Tomás Antonio Gonzaga.

<b>BDCAGE (M. M. du). — Excerptos.</b> , seguidos d'uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, appreciações de bellezas, defeitos e estudos de lingua, por JOSÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA. 3 v. in-8º enc.....	9\$000
Rica encadernação.....	12\$000
A mesma obra e lição in-4º 3 v. enc.....	15\$000
Rica encadernação.....	21\$000

**BRASILIA, Bibliotheca nacional** dos melhores autores antigos e modernos, publicada sob os auspícios de S. M. o Sr. D. Pedro II. Já fazem parte d'esta interessante e monumental collecção as obras poeticas seguintes :

<b>Manoel Ignacio da Silva Alvarenga</b> (Obras completas de). 2 v. in-8º enc.....	6\$000
Rica encadernação.....	8\$000
<b>Ignacio José de Alvarenga Peixoto</b> (Obras completas de). 1 v. in-8º enc.....	3\$000
Rica encadernação.....	4\$000
<b>Alvares Azevedo</b> (Obras completas de <b>J. M.</b> ). 3 v. in-8º enc. 9\$000 Rica encadernação..... 12\$000 Ficam ainda alguns exemplares in-4º enc..... 14\$000 Rica encadernação..... 21\$000	
<b>A Assumpção</b> , Poema de Frei FRANCISCO DE S. CARLOS. 1 v. in-8º enc.....	3\$000
Rica encadernação.....	4\$000
<b>Gonçalves Dias</b> (Poesias de). 2 v. in-8º enc.....	8\$000
Rica encadernação 10\$000, e.....	12\$000
<b>Casimiro de Abreu</b> (Obras completas de <b>J. M.</b> ). 1 v. in-8º enc.....	3\$000
Rica encadernação.....	4\$000
<b>Junqueira Freire</b> (Obras completas de <b>L. J.</b> ). 2 v. in-8º enc.....	6\$000
Rica encadernação.....	10\$000
<b>Gonzaga</b> , Poema por ***. 1 v. in-8º.....	3\$000
Rica encadernação.....	4\$000
<b>Marilia de Birceu</b> , por THOMAS ANTONIO GONZAGA. 2 v. in-8º enc.....	6\$000
Rica encadernação.....	8\$000

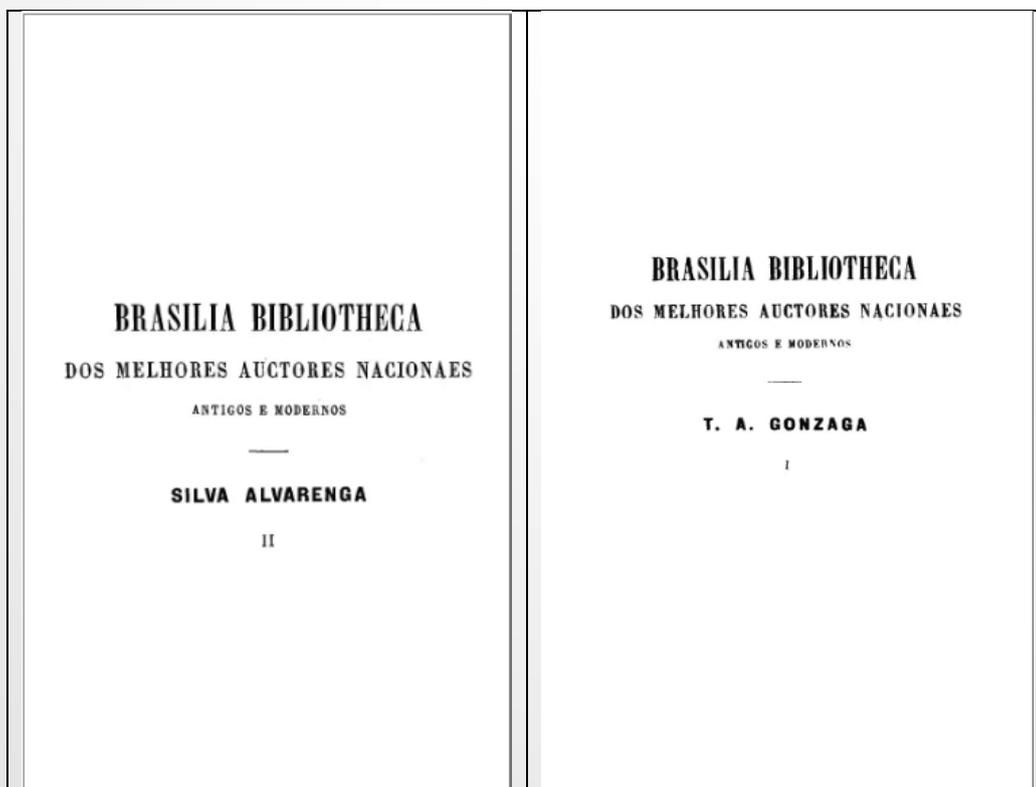
As obras de cada um desses autores são colligidas, anotadas, precedidas de uma biographia acompanhada pela maior parte de documentos historicos. Nenhum amator das cousas brazileiras ou cidadão instruido pode deixar de possuir tão interessante collecção, pela grande copia de noticias que encerra sobre a historia litteraria do paiz, sendo a sua acquisição facilissima, pois cada autor se vende separadamente, podendo-se pelo decurso do tempo, possuir toda essa livraria nacional, verdadeiro monumento levantado as letras patrias.

A collecção completa será seguida da historia da litteratura brazileira, pelo Dr. J. Norberto de S. S., a qual verá brevemente a luz.

<b>CAHÕES. Estudo historico, poetico, liberrinamente fundado sobre um drama francez</b> , por A. FELICIANO DE CASTILHO. 1 vol. br. 2\$000 Enc.....	3\$000
---	--------

Figura 3: Catálogo dos Livros de que é editor B. L. Garnier e de outros que se acham à venda na mesma livraria, 1876, p. 44.

Desses nove títulos, seis se repetem nos catálogos de 1864 e na *Brasília Bibliotheca* de meados de 1870: *Marília de Dirceu*, as *Obras Poéticas* de Álvares de Azevedo, as de Silva Alvarenga, o poema *A Assumpção*, o *Gonzaga*, de Pereira da Silva, e os *Suspiros poéticos e saudades* de Magalhães. Além disso, duas das obras já haviam sido publicadas, na década de 1860, como pertencendo à coleção em questão, o que se pode averiguar diretamente nas referidas edições dos poemas (a de Gonzaga é de 1859, embora a advertência de Joaquim Norberto de Souza e Silva, que a precede seja de 1861; e a de Silva Alvarenga é de 1862), já que esse fato não é mencionado naquele catálogo de 1864:



Figuras 4 e 5: Ilustração do pertencimento das obras de Silva Alvarenga e Tomás Antonio Gonzaga à *Brasília Bibliotheca*.

Voltando à coleção do catálogo dos anos 1870, a intervenção do imperador na publicação de uma coleção de Literatura Luso-Brasileira – embora a Família Real Portuguesa/Brasileira viesse apoiando a vida artístico-cultural da ex-colônia desde, praticamente, o seu estabelecimento no Rio de Janeiro, a partir de 1808 –, reforça os vínculos entre as ações comerciais de Baptiste-Louis Garnier, a vida intelectual brasileira e o investimento do

Império na formação cultural brasileira, caminhos desenhados por mediadores como Cléau e Garnier, entre outros. Ainda nesse catálogo, anuncia-se que a “*monumental coleção*” – que estava, portanto, sendo subsidiada e construída para a perpetuação memorialística dos autores e da própria comunidade, a nação –, abrigava os nove títulos de poesia brasileira citados, que constituem, ainda atualmente, quando se avaliam as obras de história literária mais recentes, o cânone da Literatura Brasileira. Ele vinha sendo construído, portanto, por artistas, pelo mercado e por mecenas, sem desalinho entre eles. Isso é reforçado pelo comentário que o catálogo nos apresenta sobre a *BRASILIA Bibliotheca Nacional dos melhores autores antigos e modernos*:

As obras de cada um desses autores são coligidas, anotadas, precedidas de uma biografia acompanhada pela maior parte de documentos históricos. Nenhum amador das coisas brasileiras ou cidadão instruído pode deixar de possuir tão interessante coleção, pela grande cópia de notícias que encerra sobre a história literária do país, sendo a sua aquisição facilíma, pois cada autor se vende separadamente, podendo-se pelo decurso do tempo, possuir toda essa livraria nacional, verdadeiro monumento levantado às letras pátrias.

A coleção completa será seguida da história da literatura brasileira, pelo Dr. J. Norberto de S. S., a qual verá brevemente a luz. (*Catálogo dos Livros de que é editor B. L. Garnier e de outros que se acham à venda na mesma livraria, 1876*, p. 44)

Além das informações comerciais (a aquisição facilíma dos volumes, separadamente), vemos que, nessa *coleção*, as obras vinham sendo preparadas para compor a história literária do país, tanto é que a “livraria nacional” seria encerrada pela *História da Literatura Brasileira* de Joaquim Norberto de Souza e Silva. No mesmo texto, outros critérios de anúncio, e portanto de formação da coleção, são semelhantes àqueles que Machado de Assis, jovem cronista, enunciara em algumas de suas críticas literárias dos anos 1860, como o desenvolvimento do trabalho evocará: a eleição de critérios de valor como a qualidade de edição e o fato de os cidadãos instruídos estarem praticamente obrigados à aquisição dos volumes. Destacam-se, ainda, na proposta que o catálogo faz da coleção, as seguintes características: as obras *reúnem* os textos coligidos dos autores, muitas vezes em obras completas, sendo os volumes informados por documentos e paratextos.

A reconstrução da história da livraria e edições de Baptiste-Louis Garnier mostra que existem importantes questões teórico-metodológicas a serem desdobradas para a análise da relação entre Literatura e Sociedade no Brasil do século XIX. Manuscritos que iam e livros que voltavam indicam uma grande circulação dos bens culturais e um paradoxal alinhamento entre o gosto, a movimentação dos bens e a transferência cultural, que unia o Brasil (as Américas) e o mundo europeu. Embora a sociedade brasileira não

possuísse todas as condições econômicas, de produção, nem as mesmas polarizações de forças em relação às sociedades europeias, as ações comerciais e culturais do livreiro-editor mostram que existiam, já naquela sociedade brasileira, as condições para a gênese dos campos (intelectual e literário, por exemplo), mas evidenciam que os elementos não provocavam as mesmas lutas, tais como os embates entre valor artístico como oposto ao de mercado, por exemplo. Na mesma linha, a relação entre os elementos mercadológicos do campo literário e do campo do poder traz definições mais precisas para as singularidades brasileiras.

Em conclusão, temos um projeto meio desenvolvido de coleção da literatura brasileira da qual participaram o desejo de um homem de letras e o pouco capital de um periódico; a seguir, uma nova coleção se impõe mais definitivamente sobre a construção de um cânone nacional, de poesia, mas dela não participam apenas os capitais advindos da atividade editorial. Ao lado do editor Garnier, de seus recursos, da provável parceria intelectual com Joaquim Norberto de Souza e Silva, havia os auspícios do imperador, confirmado a partir de um anúncio no *Diário do Rio de Janeiro* de Bocaiúva, publicado em 14 de novembro de 1863.

Uma tensão emerge ampla desse debate: do empréstimo de modelos editoriais decorriam acelerações de processos. Naquela nação em busca de sua identidade, sobrepuseram-se claramente os regimes do mecenato e da propriedade/mercado, em dose tripla para Garnier, em dose dupla para Bocaiúva, infelizmente, o que configura ao maior ou menor sucesso de uma e outra empreitada. Empilharam-se tempo no preenchimento de espaços, movimento do qual uma História Literária renovada deverá ainda dar conta.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. *As Minas de prata. Bibliotheca Brasileira*. Vol. III. Rio de Janeiro: Tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, 1862.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, Tomo III, 1890-1900, reunida, comentada e organizada por Irene Moutinho e Silvia Eleutério, coordenada por Sérgio Paulo Rouanet, 2011.

AUGUSTI, Valéria. Do gosto inculto à apreciação douda: a consagração do romance no Brasil dos oitocentos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos Séculos XIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, p. 393-414.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad de Mariza Corrêa. São Paulo: Papirus, 1996.

CRUZ, Demétrio Acácio Fernandes da. *Apontamentos históricos, topográficos e descritivos da Cidade de Paranaçuá*. *Bibliotheca Brasileira*, v. XII, Rio de Janeiro: Tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, 1863.

DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: ABREU, M. & BRAGANÇA, A. (orgs.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010, pp. 67-87.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003.

ESPAGNE, Michel. Transferências culturais e história do livro. Trad. de Valéria Guimarães. In: *Livro – Revista do NELE (Núcleo de estudos do Livro e da Edição)*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2012, vol. 2, pp. 21-34.

SOUSA, José Galante de. A Biblioteca Brasileira e sua história. In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis e outros estudos*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

GALVÃO, Benjamin Franklin Ramiz. A livraria Garnier. In: *Almanaque Garnier*, ano I, 1903, p. 6-7.

GODÓI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império*: Francisco de Paula Brito (1809-1861), IFCH, UNICAMP, 2014 (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. O espólio do editor: a “Avaliação de Bens” do inventário de Francisco de Paula Brito. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300296028\\_ARQUIVO\\_RodrigoCGodoi\\_TextoAnpuh2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300296028_ARQUIVO_RodrigoCGodoi_TextoAnpuh2011.pdf). Acesso em 20 de novembro de 2011.

GRANJA, Lúcia. Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e livros). In: GRANJA, Lúcia; DE LUCA, Tânia Regina. (orgs.) *Suporte e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2018, p. 55-79.

\_\_\_\_\_. Entre homens e livros: contribuições para a história da livraria Garnier no Brasil. In: *Livro – Revista do NELE (Núcleo de estudos do Livro e da Edição)*. São Paulo, Ateliê Editorial, v. 3, 2013a, p. 41-49.

\_\_\_\_\_. Rio - Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira *chez Garnier*. *Revista Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, jul./dez. 2013b, p. 81-95.

HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira & Geraldo Gerson de Souza. 2ª. ed. revista e ampliada. São Paulo, Edusp, 2005.

MAGALHÃES Jr., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. 4 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MOLLIER, Jean-Yves. Uma livraria internacional no século 19, a livraria Garnier Frères. In: GRANJA, Lúcia; DE LUCA, Tânia Regina. (orgs.) *Suporte e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2018, p.33-53.

\_\_\_\_\_. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Trad. Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MOREIRA, Maria Eunice. História da Literatura e Identidade Nacional Brasileira. *Revista de Letras*, vol. 43, no. 2, Memória e Literatura, jul-dez 2003, pp 59-73.

OLIVERO, Isabelle. *L'invention de la collection*. Paris: L'IMEC/ Maison des Sciences de L'Homme. 1999.

RAMOS, José de Paula, DAECTO, Marisa Midori e MARTINS FILHO, Plínio. *Paula Brito: editor, poeta e artífice das letras*. São Paulo: EDUSP;Com Arte, 2010.

SACRAMENTO BLAKE, A.V.A. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. 7 vols.

SAINT-GERMAIN, J. Y. de. *Lady Clare. Bibliotheca Brasileira*, v. VIII, Rio de Janeiro: Tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, 1862

SANTANA JR., Odair Dutra. *Bastidores da literatura nas horas ociosas da tipografia do Jornal do Commercio (1827-1865)*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – UNESP, São José do Rio Preto.

SILVA, Cyro. *Quintino Bocayuva. O patriarca da República*. São Paulo: Editora Obelisco, 1962.

ZILBERMAN, Regina. Críticos e historiadores da Literatura. Pesquisando a identidade nacional. *Revista Via Atlântica*, no 4, outubro de 2000, pp. 19-51.

ZILBERMAN, Regina e MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone: textos fundadores da história literária brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

### **Periódicos e catálogos**

*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1862-1864.

*Catálogo da Livraria B. L. Garnier*, no Rio de Janeiro, 69, Rua do Ouvidor, n.º 23, sem data de publicação. Bibliothèque Nationale de France, sala T, série 8ºQ10B.

*Catálogo dos Livros de que é editor B. L. Garnier e de outros que se acham à venda na mesma livraria*, 69, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, s/l, s/d. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, documento 37 A, 04, 003 no 007 C.

Recebido em 30.11.2019

Aceito em 29.12.2019